

BRASIL-PORTUGAL

Fundador — Augusto de Castilho
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JUNHO DE 1912

N.º 321

A conspiração monarchica

O julgamento dos individuos implicados no "complot" de Castello Branco

Tumultos nas ruas



Junto do Limoeiro — A guarda republicana dispersando os manifestantes

(Phot. de ***)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de junho de 1912

EM LISBOA E NO PORTO

Verdades que se podem dizer

É conhecida a resposta de Fontes a alguém que um dia lhe pediu um favor, com este accrescimento: «Se não fôr impossível». «O difficil faz-se, o impossível... tenta-se» respondeu o chefe do partido regenerador. E' esse impossível que eu tambem vou tentar, neste caso com a certeza prévia de que o hei de vencer.

Hei de supplantar, juro, os sentimentos intimos, recalcar todo o espirito de protesto, transformar a velha phrase *Sursum corda*, numa outra que traduza o desejo unico de pôr de parte o coração, e collocar, acima d'elle, e de tudo, um pouco de raciocinio, o criterio que baste para julgar os acontecimentos sem azedume, sem *partis-pris* de qualquer natureza.

Os que na quinzena occorreram e tiveram por theatro Lisboa e o Porto, que começaram nas salas dos tribunaes e continuaram nas ruas, que alarmaram a opinião e espalharam o panico em todo o paiz, prestam-se a considerações, que ainda não vi produzidas, e que sobre todos elles devem lançar alguma luz.

Fôram actos de demagogia? Fôram manifestações de excitação popular? Fôram uma lição tremenda a juizes, a presos e a jurados? Fôram todos elles filiados numa singular interpretação de patriotismo e de defeza republicana? Fôram dimanados de instrucções superiores para produzirem determinados effeitos previstos e necessarios á consecução de diversos fins em vista?

Qualquer que seja a resposta, ou a esses excessos presidisse uma exhaltada boa fé ou um *mot d'ordre* superior, considerados á luz de um raciocinio imparcial, nunca podiam deixar de ser condemnaveis, nunca poderia attenua-los a sombra de uma justificação.

Perante a missão dos advogados, perante a decisão suprema dos juizes de facto ou de direito, perante a situação de accusados ao abrigo da lei, em qualquer paiz governado por uma Constituição, a População, a Rua, a Praça Publica, não tem o direito de se manifestar, porque só um dever lhe assiste: o de acatar. Se sae d'esse caminho entra no da anarchia, e, se pelo Terror se impõe e domina, mostra que o Governo é impotente, a Constituição letra morta, e uma mentira a Defeza da nação, porque nem força ella tem para manter a Ordem Publica.

No caso sujeito nem precisava vir á estacada um republicano bem cotado, intelligente e sensato, occupando no regimen postos de responsabilidade, porque faz parte da Junta do Credito Publico e é deputado da nação, o sr. dr. Achilles Gonçalves, o qual veio ha dias declarar na imprensa que as absolvições continuadas não representam favoritismo nem dos juizes nem dos jurados, que não podiam fazer outra coisa, uns e outros, perante a má organização dos processos judiciaes, instaurados na maior parte a trouxe-mouxe, sem elementos juridicos para a formação da culpa, privados das bases essenciaes de corpo de delicto, como elle proprio confessa e documenta, citando factos concretos, adduzindo provas irrespondiveis, e acabando por dar absoluta razão áquelles que, tanto nos tribunaes superiores como nos outros, faltariam ás nórmas da justiça e do direito e aos dictames da consciencia se, em vez de absolverem, condemnassem.

Se adduzo este importantissimo depoimento, trazido á barra, não por um *talassa* suspeito, mas por um considerado e porventura sincero republicano, é só para mostrar que as manifestações da população em Lisboa e no Porto teem, além de todas as outras manchas, a da injustiça.

Elle era, de resto, escusado, porque ainda na peor das hypotheses, no caso de flagrante favoritismo, no caso de attingirem o escandalo as absolvições dos presos politicos, não era da Rua nem da Praça Publica, que devia partir o correctivo, em primeiro logar porque as multidões não teem competencia para julgar, em segundo logar porque, caso tenham a veleidade de a simular e impôr pela violencia, mal vae aos dirigentes que se sintam impotentes para manter a Ordem, mal vae á nação que não saiba e não possa defender das sanhas da multidão cega e feroz a magistratura ultrajada.

A elles, governos e parlamentos, compete zelar o desempenho da missão que a sociedade confiou ás classes que a representam. Nunca, porém, conseguirá impôr-se ao respeito de nacionaes e estrangeiros qualquer regimen que saia da Constituição por elle mesmo promulgada, para corrigir desmandos ou castigar os que exorbitam. Se as leis vigentes não bastam fica ao parlamento a faculdade de fazer leis novas em defeza d'esse regimen, mas com o meticuloso escrupulo de não bulir na Constituição do Estado, que é a segurança e a garantia de todos os cidadãos. Se a ataca e a esfarrapa para servir interesses de momento, se recorre a medidas como essa já famosa *lei do garrote* que para ahi andou annunciada, compromette-se em vez de defender-se, porque sobrepõe á lei fundamental do Estado o regimen do arbitrio, sempre instavel e perigoso. E das violencias sobreposse, e dos attentados illegaes não raro promanam lances pungentes e irremediaveis desgraças á mistura com casquinadas de riso em que exercem um papel moralizador o Ridiculo e a Troça. E ahi se vae cair naquella situação deprimente que o sr. Affonso Costa lucidamente previu e verberou quando ha dias em Coimbra clamou altisonante que de fôrma alguma se deve permittir o achincalhamento da Republica.

O homem que a fizera e que na phrase do sr. Theophilo Braga fôra da Rotunda ao Terreiro do Paço entrega-la aos ministros, como um bom sapateiro que vae levar a obra feita ao fréguez, o sr. Machado Santos, talvez nesse mesmo dia, poucas horas antes transmittisse, atravez de um *suelto* do seu jornal, ao primeiro parlamentar do regimen, a impressão que este em Coimbra vigorosamente exteriorisou declarando guerra de morte aos que da Republica chasqueassem. O pae por excellencia das novas instituições, aquelle sem o qual ellas não existiriam, que para sepultar o passado arriscou a vida, foi esse mesmo que veio fazer cruelmente a declaração publica de que no confronto feito no parlamento entre o ministro da justiça e o sr. Espregueira que foi ministro da monarchia, apodado por todos os republicanos de crapuloso, era o actual ministro da Republica quem tinha a ganhar com esse confronto.

E como aquelle que nessa famosa sessão mais alto manifestou a intima revolta por essa pretensa affronta foi o chefe do Partido Democratico, não admira que ao proferir em Coimbra aquellas palavras de indignação e ameaça pensasse que o achincalhamento era para um regimen o maior de todos os perigos.

Estes indicios, estes *signaes*, como em linguagem maritima se diz, devem marcar á Instituição dominante uma orientação segura, e dar-lhe a nórma de vida pratica, de vida constitucional, para não cahir no precipicio que os seus erros podem abrir, e que foi previsto e de antemão verberado em Coimbra por aquelle que a Republica considera o seu maior vulto.

JAYME VICTOR.

Antonio Ribas

Sobre o assumpto da nossa chronica anterior escreve-nos uma carta, em termos penhorantes, o illustre advogado o sr. dr. Antonio Osorio, fazendo uma rectificação que nos apressamos a reproduzir. Não foi a ex.^{ma} senhora D. Maria de Mello (Ficalho), mas a ex.^{ma} senhora D. Constança Telles da Gama (Cascaes), a nobre dama que chamou a attenção de S. Ex.^a para o caso Antonio Ribas.

Folgamos de fazer esta rectificação, não só pelo ensejo que ella nos dá de prestarmos a nossa homenagem a uma senhora que tem no seu nome o do descobridor da India, de quem descende, mas tambem pelo prazer de o registarmos aqui numa occasião em que exaltar as grandes manifestações da caridade christã e da solidariedade humana é ao mesmo tempo prestar culto á coragem individual.

Accresce que o nome illustre de D. Constança Telles da Gama tem já honrado litterariamente as paginas do *Brasil-Portugal*, o que representa mais um titulo á homenagem que por esta fôrma prestamos ás suas qualidades de coração e de talento.

Agradecemos ao sr. dr. Antonio Osorio a sua gentil carta e ao nosso presado collega *O Dia* a amabilidade da transcripção das nossas *Notas da quinzena*.

Augusto de Castilho

(Da correspondência de Lisboa, firmada por Jayme Victor, no *Jornal do Brasil*, de 29 d'abril)

No dia 30 de março ultimo, pelas 6 horas da manhã, falleceu na sua casa de Sete Rios, o Conselheiro Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha.

Sua desolada esposa, seu filho Affonso, que cursa o 5.º anno da Academia Polytechnica do Porto, — Jorge, o mais velho, é alferes e está em commissão de serviço no ultramar, — sua filha Maria Luiza, casada com o negociante, o Sr. Carlos Pereira, a qual se encontra bastante doente, assim como seu filhinho, seu irmão, o illustre Visconde de Castilho, que era o primogenito, notavel homem de letras e hoje o unico sobrevivente de todos os cinco filhos do celebre escriptor cego que se chamou Antonio Feliciano de Castilho. e foi nos ultimos annos agraciado por El-Rei D. Luiz com o titulo de Visconde, o medico assistente Dr. Meyrelles, e algumas senhoras das relações intimas d'essa nobre familia, cercavam o leito em que Augusto de Castilho havia mais de um mez expiava cruelmente o «delicto» de ter sido sempre, em uma longa vida de 71 annos, um caracter immaculado, um coração de ouro, uma grande alma de antigo portuguez.

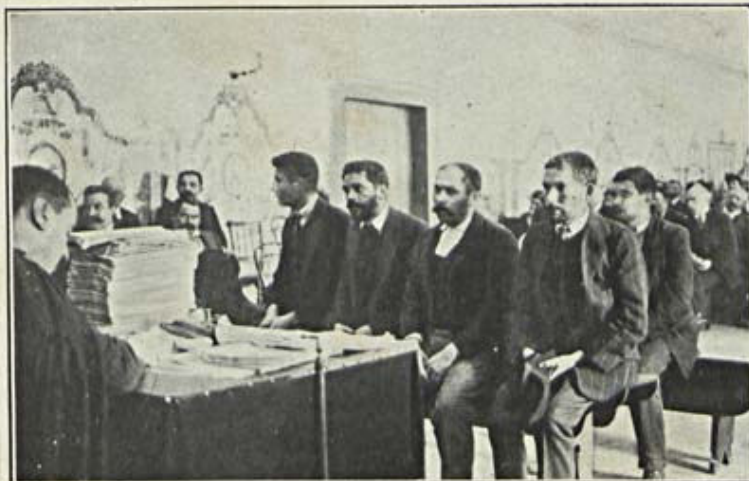
Depois de honrar a sua patria em tantas commissões de serviço publico, no continente e no ultramar, de dar em Moçambique, como Governador, exemplos de arrojo, de audacia e de valentia triumphante, na defesa de Portugal, depois de dar no Rio de Janeiro um dos mais extraordinarios exemplos de humanitarismo de que reza a historia, sacrificando a propria vida e a propria liberdade em nome da liberdade e da vida de muitos, depois de ter dignificado a Armada Nacional e honrado pela sua honestidade pessoal os conselhos da corôa, depois de ter sido em toda a accepção da palavra um homem de bem, um exem-

essa gloriosa existencia no meio das mais atrozes torturas physicas e, como patriota, dos mais profundos soffrimentos moraes.

O primeiro annuncio da morte deu-lh'o ha tempo uma congestão cerebral. Depois fracturou uma perna, curou-se, passou um mez fóra de Lisboa, voltou, sempre acompanhado de sua esposa, para a sua casa de Sete Rios, e logo d'ahi a pouco cahia no leito para não mais se levantar.

Succederam-se varias congestões cerebraes e pulmonares e não houve doente que com mais resignação supportasse a todas as ho-

A conspiração monarchica



O julgamento dos individuos implicados no «complot» de Castello Branco

ras durante 10 dias, as ventosas, as injeções continuadas, com que os medicos procuravam inutilmente debellar o mal.



No dia do julgamento dos individuos implicados no «complot» de Castello Branco

—Tumultos nas ruas— O povo rodeando o carro cellular na rua da Magdalena

(Phot. de ***)

plar chefe de familia, um filho de Portugal que bem mereceu da Patria pelo muito que fez por ella, Augusto de Castilho finalizou

Todas as dedicações da familia, todos os recursos da sciencia falharam, e eu não conheço nada de mais afflictivo e angustioso

que esse espectáculo, que me não sahirá da memoria, a que assisti, seis horas antes da morte, junto do leito do enfermo.

Era ainda a vida e era já a agonia. Todo o corpo contrahido, as faces desfiguradas, um suor frio banhando-lhe incessantemente a fronte, os olhos vitreos, o pulso ainda latejante, o peito a arfar



No dia do julgamento dos individuos implicados no "complot" de Castello Branco—Tumultos nas ruas—Como ficou o carro cellular depois de apedrejado.

convulso, e na garganta aquelle ronco cavernoso que precede o estertor. Já não via, já não ouvia, já não falava. A esposa, soluçante, apertava entre as suas a mão fria e inerte do moribundo, eu e minha irmã beijámos-lhe a testa, emquanto ao lado numa dôr muda, n'uma tragica amargura perante o impossivel, os filhos, de-

sala immediata o Visconde de Castilho e muitas senhoras, perdidas as esperanças, aguardavam tambem. Eu sahi para voltar pouco depois, mas d'ahi a algumas horas o telephone dava-me a noticia tragica.

Quando entrei de manhã na casa de Sete Rios, Castilho descaçava para sempre na sua urna de pau santo, encimada por um crucifixo de prata.

Em cumprimento dos seus desejos, vestiram-lhe apenas a sua sobrecasaca, sobre a qual nenhuma condecoração brilhava. Fôra ordem sua tambem. Dias antes recommendou muito insistentemente á esposa que não queria ir de farda para a cova, que não queria nenhuma insignia da marinha, que não queria honras militares de qualquer ordem.

Tão descontente estava com tudo isto, que esta vontade a manifestou de uma fórma expressa.

E essa vontade se lhe fez.

Em vez d'isso não se viam senão flôres, muitas flôres, as mais bellas d'esta primavera sobre o cadaver do Vice-Almirante, e além d'isso, apenas entre as mãos mirradas um crucifixo que a intima crença da esposa e do irmão lá collocou, e que elle levou para o jazigo.

Cousa estranha! As feições que na agonia se haviam decomposto, retomavam na morte o seu aspecto primitivo, e quem n'essa occasião se approximasse do caixão mortuario tinha a impressão de que Castilho acabava de adormecer, tal era a serenidade, o repouso, da sua physionomia, ainda bondosa e insinuante.

Porfiaram em acompanhal-o á morada ultima, a esse jazigo do cemiterio em que repousa Eugenio de Castilho, irmão do ultimo extinto, todas as classes da sociedade portuguesa. Os velhos officiaes da Armada e do Exercito, antigos governadores ultramarinos, grande numero de senhoras, altos funcionarios do Estado, toda a familia Mendes de Almeida, que vive em Lisboa, um official de marinha representando o Ministro, centenas de pessoas, acompanharam o feretro ao Alto de S. João.

Sobre elle muitas corôas foram depositas, entre ellas a do *Brasil-Portugal* com esta dedicatória a letras de ouro:



O julgamento dos individuos implicados no «complot» de Castello Branco

A audiencia do dia 27 — O carro cellular na rua de S. Nicolau escoltado pela cavallaria da guarda republicana

*(Phot. de ***)*

solados, aguardavam o momento terrivel, animados comtudo de uma esperança ainda, porque, apesar de todos os symptomas da morte proxima, instaram e conseguiram que o medico inoculasse no corpo martyrisado mas já insensivel uma injeccão de sôro. Na

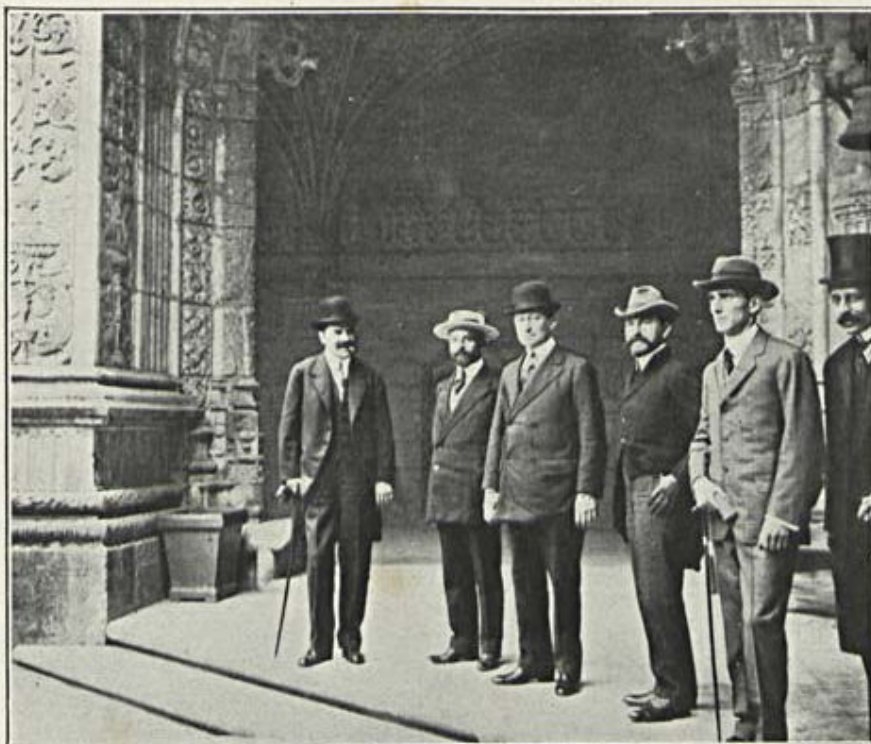
«A Augusto de Castilho companheiro inolvidavel, os directores do *Brasil-Portugal*.»

Era de goivos, violetas e glycinias.

Ultima homenagem que pudemos tributar áquelle que durante

GUILHERME MARCONI

EM LISBOA



Visitando o claustro dos Jeronymos

Da esquerda para a direita: Batalha de Freitas, marquez de Solari, Guilherme Marconi, o sr. ministro da Italia, etc.

14 annos nos acompanhou na direcção do jornal, com uma dedicação e com uma lealdade, que tornam sempre sagrada para nós a sua memoria veneranda. Elle, Lorjô Tavares e eu, timbrámos sempre em manter inalteravel essa trindade, que a morte bruscamente vem agora romper. Foi pois, em meu nome, como amigo devotado, em nome do nosso collega Lorjô Tavares, actualmente no Rio, e ainda em nome do *Jornal do Brasil*, e em cujos directores o saudoso extincto contava amigos devotados, que eu fui ao Alto de S. João fazer as minhas despedidas amargas áquelle que se chamou em vida Augusto de Castilho.

FOI O CAFÉ

Café! café! y mas café!

Borrachera de ilusion,
A cuya mágica acción
Es un Etna el corazón
Es la cabeza un volcan!

R. DE CAMPOAMOR.

Jayme d'Ataide era um rapaz alto, elegante, pallido, e, tão moreno, que chegaria a parecer mestiço, se não fôsse a belleza e regularidade das suas feições. A sedosa barba negra, que lhe emoldurava o rosto, dava-lhe um aspecto de mais idade do que aquella que realmente tinha e a apparencia d'uma gravidade perfeitamente alheia ao seu caracter leviano e frívolo.

A mulher, cansada de lhe aturar as leviandades, voltára para casa dos paes, onde morrera, poucos mezes depois, de saudades do ingrato e de extenuamento intimo pela lucta sustentada comsigo para não voltar para elle.

Os remorsos incommodaram-no, e uma tris-

teza profunda entrou de o perseguir. Quando relia a carta de despedida que a mulher, perto da agonia, lhe escrevera, as lagrimas borbulhavam-lhe nos olhos e um arrependimento bem cruel e irremediavel lhe pungia a alma.

— E' preciso combater este estado, dizia elle todos os dias. Eu sou mais homem, que diabo! O que lá vae, lá vae!... Para que presta esta dôr tardia? E' preciso esquecer.

Quiz divertir-se, acompanhar com os outros, fazer loucuras; mas para qualquer parte que dirigia os passos, via sempre o vulto pallido e triste de Ignez, vestida como quando sahira de casa, com os soluços afogados na garganta e levando pela mão a filha que ainda não contava meia duzia de annos.

Pensou em beber... Mas tinha um horror inato pelo estado degradante a que a bebida reduz o homem. Se jogasse? Tentou jogar, mas o seu genio generoso era indifferente ao lucro ou á perda. Desanimado, começava a pensar a serio no suicidio, quando, pegando nas *Doloras* de Campoamor, os seus olhos cahiram sobre os versos que têm por titulo *El café*.

— Quem sabe? pensou elle... Se eu experimentasse?

Dito e feito. Jantou, e terminada a refeição, bebeu umas poucas de chcaras de café. Sentiu logo, como por encanto, desfeitos todos os seus pezares, e uma impressão de leveza no cerebro, uma alegria, uma boa disposição, como não julgava possivel tornar a sentir. Era a mocidade com todos os seus exuberantes entusiasmos, com todas as suas loucuras e paixões!

Dinheiro não lhe faltava. Era rico. Resolveu (aborrecia o excesso, porque detestava o enjôo) não beber senão o necessario para adquirir aquelle estado de gozo que o fazia vêr a vida por um tão agradável prisma. Não pensava, ou não



Guilherme Marconi, em Lisboa — Guilherme Marconi acompanhado do sr. ministro da Italia, sahindo do mosteiro dos Jeronymos

(Phot de ***)

queria pensar, que era fraco, nervoso, quasi neurasthenico, que aquelle envenenamento continuo, embora homeopathico, não podia deixar de lhe ser profundamente prejudicial.

Vivia alegre. Era o que importava.

Terça feira gorda. As ruas regorgitavam de mascaras. Era noite. Jayme com um magnifico dominó de setim preto acompanhava um rancho de senhoras na costumada peregrinação a casas conhecidas. Depois de dez ou doze visitas, resolveram ir findar o serão nas salas da duqueza de Alhandra, que dava annualmente n'aquelle dia, uma grande recepção, a que concorria toda a Lisboa, quer tivesse ou não tivesse convite, com uma semcerimonia que a ninguem admirava, a não ser á dona da casa que sorria indulgente e recebia todos com affectuoso agrado.

Jayme, com seis chavenas de fortissimo café, sentia-se leve, leve como pena. Os olhos scintillavam-lhe, os labios sorriam-lhe, e a alma nadava-lhe n'um mar de desejos ardentes e amorosos que lhe davam as mais agradaveis sensações. Ao seu ouvido parecia resoar a phrase: amar é viver. Amar! amar! E, n'uma febre immensa de pôr em pratica essa funda necessidade do seu mais intimo sér, procurava com o olhar ancioso a mulher que lhe parecia mais digna do sentimento que n'aquelle instante lhe parecia infinito no seu coração. O seu olhar inquieto ia d'uma

— Não bebas tanto café, meu caro, estás a matar-te. E eu tenho pena... interesse-me tanto por ti!

Festas tradicionais

Em quinta-feira da Ascensão



Na Perna de Pau

E começou fallando-lhe como uma pessoa muito amiga, fazendo-lhe allusões aos seus mais intimos desgostos, e por fim mostrou-lhe um grande desejo de o vêr feliz. Elle não tinha sido comprehendido. Mas estava ainda bastante novo para poder começar a vida. E pouco a pouco deixou de lhe fallar a voz convencional do entrudo, e dirigiu-se-lhe n'um tom mavioso, confidencial, amigo, que o encantou.

Ha tanto que ninguem lhe fallava assim!...

Os olhos azues e meigos que o fitavam atravez da meia mascara de velludo negro, tentavam-no estranhamente. Sentia-se estonteado... louco!

O dominó côr de rosa presentiu, talvez, a tempestade que desencadeava no cerebro do seu companheiro.

Tirou rapidamente a luva da mão direita e estendeu-lh'a aconselhando:

— Pense em tudo que lhe disse.

E passado um momento de silencio, ajuntou:

— Guarde essa luva; e se o seu coração sentir necessidade d'outro, que o comprehenda, procure mão a quem ella sirva.

Quando Jayme ia a retorquir, a sua bella desconhecida tinha desaparecido.

Desde o dia seguinte procurou-a por toda a parte. Pediu informações a toda a gente e ninguem lhe sabia dizer quem fôsse o dominó côr de rosa.

Então fez pôr em todas as primeiras paginas dos jornaes diarios estas palavras em lettras muito grandes:

“Como entregar-lhe a luva, bello dominó côr de rosa?”

No dia immediato passeava na Avenida, á hora elegante, quando em sentido contrario descia uma esbelta mulher de olhos azues fallando com sua velha prima Luiza de Athayde. Elle ia a passar, cumprimentando apenas, quando a prima, chamando-o, lhe perguntou:



Em quinta-feira da Ascensão — Na Fonte do Louro

(Phot. de ***)

a outra, com extrema volubilidade, quando um dominó côr de rosa lhe enfiou o braço e lhe disse com voz de falséte:

— Sabem se alguém achou uma luva branca no baile da duquesa de Alhandra?

— Porque? perguntou elle sobresaltado.

Luiza, voltando-se á sua companheira, perguntou:

— Dás-me licença que te apresente meu primo Jayme?

A desconhecida fez um gesto de aquiescencia e Luiza concluiu a apresentação:

— A minha prima Frederica da Cunha que perdeu uma luva e... não sei se o coração, no baile da duquesa de Alhandra.

Jayme còrou de jubilo e acompanhou a velha prima no passeio.

Um mez depois declarava-se o casamento, com grande indignação da familia da primeira mulher e d'alguns amigos de Jayme, que acharam a noiva d'elle muito velha e vulgar para um homem tão afamado de espirito e elegancia.

Elle não quiz ouvir nada e casou.

Brevemente desilludido, cahiu n'uma profunda tristeza.

O seu melhor amigo, conseguindo arrancar-lhe a confissão d'um arrependimento muito forte, affirmou-lhe:

— Era fatal! Só tu não quizesse vêr a sorte que te esperava.

Esta conversa tinha lugar a uma mesa do Tavares.

E n'esse empenho envenenou-se lentamente pela cafeina, e morreu. Perguntando alguém á mulher a causa da morte do marido, ella respondeu em tom compungido:

— Foi o café.

E depois d'isto, e de outros tristes resultados, ainda haverá quem diga como Campoamor:

Gloria à ese vital licòr?

12-5-912.

MARIA O'NEILL.

Uma exposição de pintura



João Penha e Costa no seu atelier

João de Sá da Penha e Costa, nosso prezado amigo e verdadeiro gentleman, revelou-se agora pintor, e pintor distincto de retratos.

Nos dois ultimos domingos muitas senhoras e varios seus amigos, figuras em destaque na alta sociedade e mundo diplomatico, foram á sua residencia do palacio do Salvador e ahi admiraram uma collecção de retratos, em que o antigo addido extraordinario não se revela só um discipulo illustre do illustre pintor Antonio Felix da Costa, mas um artista completo. D'algumas d'essas telas, em que ha desenho, còr, semilhança, dá hoje o Brasil-Portugal algumas reproduções, figurando entre ellas um retrato do actual ministro de Hespanha no nosso paiz, sr. Marquez de Villalobar.

A João de Sá da Penha e Costa os nossos parabens pelas suas brilhantissimas estreias.



Uma exposição de pintura

O ministro de Hespanha, sr. Marquez de Villalobar

(Trabalho de Penha e Costa)



Uma exposição de pintura

D. Maria Augusta Pereira Forjaz de Sampaio

(Trabalho de Penha e Costa)

— Homem, não foi não querer vêr. Garanto-te que não pude... a culpa não foi minha.

— Então de quem foi?

— Foi do café.

E n'um tom resignado, de quem não encontra remedio para os seus males, bateu as palmas gritando:

— Café! Rapaz, traz-me café!

E, por entre dentes, concluiu:

— Se elle me engendrou a doença, hade curá-la tambem.

sino lhe poderia revelar, assim tambem a humanidade adquire no correr dos seculos o seu fundo de sabedoria pratica.

SCHERER.

Somos tão predispostos em nosso favor que muitas vezes tomamos por virtudes aquelles vicios que mais se lhe parecem, e que são ardidamente disfarçados pelo egoismo.

ROCHEFOUCAULD.

VIDA ELEGANTE

Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico



Um grupo de frequentadoras, entre as quaes, mesdemoiselles Horta e Costa e Ramada Curto

D'antes, em tempos que já lá vão, eram as terças e sextas feiras de manhã no Campo Grande, eram as quintas e os sabbados de tarde nesse parque, eram os chás dos domingos no «Avenida Palace», eram recepções quasi todos os dias em casas titulares e fidalgas, eram emfim «rendez-vous» sobre «rendez-vous», vida movimentada, alegre e elegante. De tudo isso que resta?

Só um jornal, «O Dia», tem tratado na sua secção elegante, a testa da qual está Luiz Trigueiros, de fazer reviver essas reuniões. Anunciou os «rendez-vous» elegantes e de «sport» pela manhã e nem uma pessoa appareceu no Campo Grande, annunciou para as sextas feiras reuniões de tarde, e o resultado foi o mesmo, annunciou este ou aquelle «rendez-vous» e NADA, NADA conseguiu ainda!

Apenas agora viu coroados de exito os seus esforços de reviver a sociedade elegante com os «chás» no Jardim Zoologico. Os sabbados «marcaram». E é justo pois que a collecção de animaes agora ali existente é notavel, o parque que é o tradicional Parque das Larangeiras do celebre Conde Farrobo é fresco, lindo e está optimamente tratado e toma-se ali o «chá das cinco» ao som de musicas variadas e escolhidas pelo «Grupo Freitas Gazu».

D'esses «rendez-vous» que sahem da monotonia que de Lisboa alastra a todo o paiz, dá o «Brasil-Portugal» alguns instantaneos tirados expressamente para esse fim por Alberto Carlos Lima, o distincto photographo, «doublé» de professor de guitarra eximio.

EGROS.

Um pintor de gatos

ERA uma vez, em mui remotos tempos, uma familia de boa gente lavradora, vivendo em certa aldeia do Japão. Marido, mulher e um rancho de filhos; gente pobre, é claro; e ajunte-se que a mui ardua fadiga se dava o camponez, para que não faltasse em cada dia, a cada uma das vorazes boquinhas dos garotos, a tigela de arroz do almoço e do jantar. O mais velho dos rapazes, já aos quatorze annos, robusto quasi como um hemem, começava a ajudar o pae, nas varzeas e nos campos, o pobre pae, a quem as forças minguavam; e os outros, cada um conforme a sua idade, iam fazendo tambem o que podiam; até a irmã pequena, — uma migalha de gente, coitadita! — lá ia alli-viando a atarefada mãe na lida do casebre.

Só o mais novo dos rapazes em nada se empregava que prestasse; era um inutil; não que elle fosse falto de juizo; pelo contrario, excedia em esperteza qualquer dos irmãos ou das irmãs; mas era enfezadito, debil de musculo; e bem cedo os paes se convenceram de que aquelles braços tenros não haviam nascido para a enxada. — «Faça-se d'elle um bonzo», — combinaram, e foi n'esta intenção que um bello dia decidiram leval-o ao templo do logar, e á presença do velho sacerdote, que era como quem diz — o prior d'aquella freguezia. — O pae fallou e expoz a questão, em quanto que a mãe approvava com a cabeça; o reverendo, que em breve trecho descobrira rara sagacidade na creança, consentiu

em tomal-a por pupillo, pensando talvez intimamente que alli o acaso lhe trazia um digno successor, quando a hora lhe chegasse de despedir-se d'este mundo.

E ficou tudo resolvido.



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico
O sr. Francisco de Mello Costa, herdeiro do titulo do Marquez
de Ficalho, e sua irmã a uma das mezas de chá

O noviço mostrou-se, desde os primeiros dias, submisso, inteligente e piedoso; e também — valha a verdade — não lhe iam mal a rude túnica amarella e a cabecita rapada á navalha, de preceito; mas como não ha formosa sem senão, segundo um proverbio

Foi facil ao mocinho entrouxar os seus poucos haveres, pôz a trouxinha ás costas, e fez uma mesura ao padre mestre.

Eil-o na rua, escorraçado, em bem angustiosas condições.



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — As sr.^{as} D. Alda Santos Lino e D. Maria Emilia Macieira Lino, com seus filhos

portuguez (e a phisolophia dos proverbios se applica á humanidade inteira), tinha um defeito o rapazito: pintar gatos. Expliquemos o caso, que é curioso: nas horas de sueto ou nas horas de estudo, no templo, na cella, no jardim, em toda a parte onde estivesse punha-se a pintar gatos; e tão bem os pintava, — faça-se-lhe justiça n'este ponto, — que nenhum pintor até então pintou gatos melhor do que o fradinho. As paginas dos livros sagrados do convento, as paredes, os biombos, os pilares, as arvores, os rochedos, — forte mania de creança! — tudo servia, tudo era tela para exercer a sua pecha. Por onde elle passava, por onde se quedasse dois minutos, era logo a successão interminavel de desenhos, eram as curvas caprichosas dos travessos felinos, de todos os tamanhos, em todas as posturas, creio que até enjaneirados, os olhos redondos, esbrazando as duas orelhas espetadas, o côtosito alçado e petulante (os gatos japonezes não têm rabo), a garra atrevida posta em guarda... Está-se a adivinhar com que azedume o reverendo acolhia taes desmandos; vezes sem conto reprehendeu o *artista* (como por ironia lhe chamava), tentando dissuadi-lo d'aquella triste balda, que nem lhe permittia estudar com attenção os velhos alfarrabios do budhismo, de tão necessaria sciencia ao seu santo mister. Intento inutil; não por maldade, por instincto, quanto mais lhe prohibiam a proeza, mais ia pintando gatos o teimoso. Até que finalmente, em certa occasião, o reverendo perdeu de todo a paciencia, e gritou ao moço incorrigivel: — «Vae-te embora! Foge da minha vista!... Bom padre, nunca serás seguramente; serás talvez um bom pintor.» — A ordem era terminante.

Que fazer? Tremeu de voltar ao lar domestico, onde o pae, mu certamente, o puniria da sua teimosia. Lembrou-se então que a



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — Outro grupo de frequentadoras, entre as quaes mesdemoiselles Lança Cordeiro, Amaral Cyrne e Gomes Palma. (Phot. de A. C. Lima)

quatro leguas de distancia havia uma outra aldeia, com um templo cheio de bonzos, e para lá se encaminhou, disposto a pedir abrigo

e protecção aos padres. Era notorio que o tal templo desde alguns mezes se achava abandonado, por n'elle ter entrado um demonio, um espirito malfazejo, como tantos que abundavam então pelo Japão; muitos guerreiros animosos se tinham decidido a ir lá dentro, mas nem um só voltou; porém estas noticias, que iam já apa-

sistivel desejo de encher aquellas faces de gatos, de cem gatos, de mil gatos, lindos, felpudos, assanhados, com as bigodeiras hirtas e os olhos chammejantes; e uma subita alegria illuminava-lhe o rosto sonhador... Pensado e resolvido. Cerca encontrou a classica escrivaninha japoneza, — a caixa com os pinceis, com a gota de

agua n'um deposito metalico, com o pedaço de tinta negra e com a loisa onde esta se prepara. — Mãos á obra. O pincel voava em curvas humoristicas; a mãozinha inspirada corria, pullava de alto a baixo, ponto aqui, rabisco alli, traduzindo a impressão propria com habilidades prodigiosas. Assim fórão apparecendo, sobre aquella tela improvisada, ranchos e ranchos de gatos adoraveis; e tantos gatos desenhou, e tantas horas correram, sem que os bonzos voltassem do passeio, que o pobre garotito sentiu-se de repente cheio de somno e de fadiga; n'um cubiculo contiguo se recolheu e se fechou, estendeu-se sobre a esteira, e em breve adormeceu.



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — *Um aspecto do recinto dos «chás», vendo-se na primeira meza o sr. conselheiro Ramada Curto com senhoras de sua familia e na meza ao fundo o redactor de «O Dia», sr. Luiz Trigueiros.*

vorando aldeias e cidades em redor, nunca haviam chegado aos ouvidos do pequeno.

Era já noite escura quando alcançou a aldeia; o povo dormia nas choupanas; ao fundo da rua principal, e sobre um dorso de collina, de entre a rama das mattas erguia-se o templo magestoso, e uma luz interior bruxuleava, luz de esperança para a misera creança. Luz de esperança parecia; mas o povo bem a tinha por feiticeira do diabo, que assim manhosamente ia attrahindo algum caminheiro solitario em busca de poitada. Bate ao portal uma primeira vez, bate segunda vez, bate terceira, sem que ninguem acuda ao chamamento. Por fim percebe que basta empurrar-o para abri-lo; e então, por um leve impulso dos seus braços, achou livre o ingresso, e assim entrou, largando dos pés nús as suas sandalias poeirentas.

Nos aposentos interiores ardia uma lampada com effeito; mas nem um bonzo só, de tantos que alli deviam estar, apparecia. Julgou que tinham ido dar o seu passeio e que em breve voltariam, e resolveu esperal-os. O tempo ia passando, e os seus olhos curiosos de garoto entretinham-se em devassar o aspecto do sitio onde se achava. Notou com espanto que abundava o lixo, e pelo tecto as aranhas iam tecendo sem cerimonia as suas longas teias; era estranho que, sendo em regra os templos mimos de limpeza e de cuidados, aquelle se encontrasse em tal desleixo, como se fosse coisa abandonada. E' que provavelmente, aos santos bonzos faltava o auxilio d'um acolyto, a quem, como de praxe, cabe o dever de todas as manhãs lavar, varrer e sacudir o pó, arte exercida no Japão com especial disvelo; e concluiu logicamente que bom acolhimento lhe fariam, no proprio interesse da communitade.

Agora o rapazito, proseguindo no exame, fixa o olhar n'um movel que o captiva, que é um grande biombo que tem em sua frente, com as duas faces brancas; passára-lhe na mente o irre-

durou até á madrugada. Como elle soffria de pavor! Cahido sobre a esteira, immovel, parecia coisa morta, sustendo o proprio folego, para que a sua presença não fosse presentida...

Já com a manhã clara e sol bem alto, ergueu-se então, e ani-



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — *O official do exercito sr. Carlos Alberto Correia com sua esposa, a sr.ª D. Dulce de Mira Correia, seus filhos, e uma outra senhora.*

(Phot. de A. C. Lima)

mou-se a espreitar um pouco para fóra, por uma fenda da parede, Foi medonho o que viu. No chão grandes poças de sangue se alastravam; e mesmo ao meio da casa, jazia morta, esphacelada, uma enorme ratazana, — maior do que uma vacca!... Mas quem matára o monstro, se ninguem parecia ter entrado? Reparou por

acaso no biombo, onde horas antes pintára tantos gatos; lá os viu, mas com os focinhos lambusados de sangue e as patinhas egualmente; eram elles que tinham dado cabo do demonio...

— E se os não tiveres?

— Ah! então será para os meus netos.

O mocinho tornou-se, com o correr do tempo, um grande ar-

Um estudante, levado da bréca, deixou um dia no chapeu do professor um bilhete com esta palavra: *Macaco*.

Foi logo contar aos condiscipulos a partida, rindo todos da descoberta.

No dia seguinte, o professor ao abrir a aula e vendo os alumnos a rirem uns com os outros, comprehendeu do que se tratava e disse:

— Meus senhores, não sei qual de vós me deixou hontem o seu bilhete de visita no meu chapeu, mas agradeço-lh'o.

Calino no barbeiro.

O official depois de lhe haver cortado o cabello, dando-lhe um espelho:

— Está á sua vontade?

Calino:

— Não... um pouco mais comprido.

No tribunal, o advogado de defesa para o de accusação:

— Saiba, caro collega, que estou a cavallo sobre o Codigo.

— Tome cuidado, collega, deve desconfiar-se dos animaes que se não conhecem.

N'um quartel:

— Sargento Guilherme:

— Prompto, meu capitão

— Porque castigou o soldado Fernandes?

— Porque o apanhei querendo arremedar v. sr.^a deante da companhia.

— Arremedar-me! Fez muito bem. Mas que fazia esse grande patife.

— Repetia as vozes de commando, berrando como um animal.



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — Os srs. general Jacintho Parreira, Manuel Emygdio da Silva, engenheiro Raul Lino, conselheiro Ramada Curto e D. Jorge de Menezes, admirando as lindas trepadeiras que adornam o coreto.

tista. Ainda hoje se admiram muitos gatos pintados pelo seu pincel inimitavel.

O chronista, de quem extrahi esta legenda, nada conclue, como moralidade, da historia que narrou. Concluirei eu o que bem me parecer, se m'o permittem. Em primeiro lugar, pouco propenso a crêr em coisas do diabo, embora no Japão, concluo que, se a rata do convento era tão grande, é que a dispensa se achava provida com um enorme arsenal de gulodices; o que, a despeito de tanto que se diz dos frades de outras terras, dos frades portuguezes por exemplo, faz honra á sobriedade de habitos dos maganos, pois não consta que jamais os presuntos e a marmelada de reserva nutrissem uma rata lambareira até attingir igual tamanho. Concluo ao mesmo tempo, humilhado, confundido, que os pintores do meu paiz estão bem longe do traço creador dos pintores do Dai-Nippon. Por ultimo (talvez esta final conclusão seja a mais util), vejo que ás vezes as nossas qualidades, de que os outros se riem e escarnecem, são as que mais nos valem n'este mundo.

WENCESLAU DE MORAES.

ANECDOTAS

Meu caro doutor, tenho uma enorme constipação. O que devo tomar?

— Ora essa! um lenço.

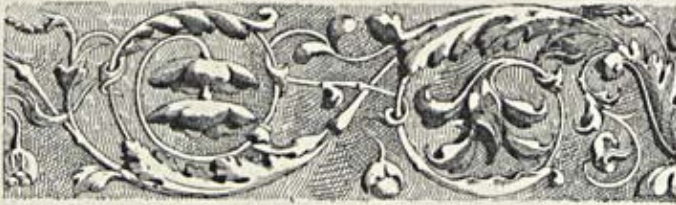
Que fizeste da tua boneca?

— Guardei-a na gaveta... E' para os meus filhos quando fôr grande.



Os sabbados elegantes no Jardim Zoologico — O sr. coronel Macedo e Brito com sua esposa e filha.

(Phot. de A. C. Lima)



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

V

LOGAR PERIGOSO

O Julio Julião, levantou-se n'aquella manhã de primavera risonha, com ár aprehensivo. Vestiu-se apressadamente, consultou o relógio e pediu o almoço.

— Onde vaes tão cedo Julião? — perguntou admirada a cara metade.

— Vou a umas voltinhas. Tenho hoje muito que fazer. Olha lá, Pulcheria, tu tens cá lixa?

— Lixa! Mas para que queres tu a lixa?

— O' menina responde se tens ou não, e não te importe o resto.

— Credo Julião, como tu hoje estás zangado! Tu já me não amas Julião... Eu sou muito infeliz...

— Mau, mau, Pulcheria... Deixa-te de tolices. Não faças caso que eu hoje estou um pouco preocupado...

— Sim, pois é isso que me rala, Julião. Esse teu ar aprehensivo, mostra que tens qualquer segredo para mim... Alguma mulher, aposto...

— Cala-te menina que nem sabes o que estás a dizer... Olha, tens a lixasinha ou não?...

A esposa limpou uma lagrima, e foi buscar a lixa.

— Aqui tens, Julião.

— Olha Pulcheria e azeite... Traz também n'um pires um pouco d azeite.

— Azeite! Tu também queres azeite?

— Quero sim. Mas antes d'isso arranja-me papel e tinta porque preciso escrever.

— Ai Julião que tu tens um segredo terrível que me occultas! Pobre de mim!... Pobre de mim!...

O Julião começou a passear vagarosamente pelo corredor. Na sala de jantar o relógio do cuco bateu meio dia.

— Meio dia! — exclamou o Julião. Pouco mais me resta de vinte e quatro horas. E ainda tenho tanto que fazer! Preciso coordenar ideias, pôr as minhas coisas todas em ordem. Primeiro, o testamento...

E dirigiu-se para a saleta onde a chorosa Pulcheria, vermelha de ciúmes, tinha collocado a tinta e o papel.

— Agora deixa-me uns instantes sosinho. Preciso reflectir... Fechou a porta do gabinete e começou escrevendo. No fim de meia hora chamou a esposa.

— Olha menina, eu agora vou sahir. Pouco me demoro, e se vier um moço com umas encomendas, aceita-as.

— Tu vaes fazer compras?

— Vou. Vou fazer umas comprasinhas. Não mechas nos embrulhos que eu mandar...

E o Julião pegou no chapéu e sahiu.

Melancólico e taciturno seguiu até á baixa, suspirando fundo de vez em quando.

— E tudo isto é tão bonito! Tenho pena... Tenho pena, mas... não tem remedio.

Quando chegou ao Rocio, desdobrou uma relação onde iam apontadas as compras que tinha a fazer. E chamando um moço, dirigiu-se para um estabelecimento defronte do café Suisso.

A's quatro horas da tarde o Julião recolheu a casa.

— Recebeste as encomendas, Pulcheria?

— Estão lá dentro todas. Mas que quantidade d'embrulhos! O que é Julião? Para quem são aquellas compras?

— O' menina não me perguntes nada. São coisas precisas... São coisas necessarias... São coisas da vida... Olha dá cá agora a lixa e o azeite, e manda pôr tudo no meu quarto.

— O que irás tu fazer Julião! Valha-me Nossa Senhora...

— Cala-te mulher! Ainda queres comprometter-me mais?

— Mas tu estás comprometido, menino?

O Julião não deu resposta e fechou-se no quarto.

A' porta, a Pulcheria, escutava, tentando vêr pelo buraco da fechadura o que se passava lá dentro. Mas só uns ruidos seccos lhe chegavam de vez em vez aos ouvidos, misturados com o tilintar de ferros.

Era já noite cerrada quando o Julião sahiu do quarto.

— Então estás mais socegado? — perguntou a mulher afflicta.

— Estou. E agora vamo-nos deitar.

— Deitar já a esta hora! E o jantar?

— Eu não preciso jantar.

— Tu não queres comer? Ai valha-me São...

— Não te valha nada, mulher. Cala-te já te disse. Anda, vamo-nos deitar. Amanhã tenho que me levantar cedo.

— Mas, Juliãozinho...

— O' filha cala-te. Vamo-nos deitar já te disse...

Ao som dos soluços da esposa, o Julião adormeceu. E quando o cuco cantou meia noite, sonhava alto, agitado, como se estivesse n'uma batalha.

A's sete da manhã poz-se a pé, e pediu agua quente. Com o olhar triste e amortecido foi á cozinha e afagou o papagaio.

— Também levo saudades tuas, loiro! — e catou a cabeça do bichinho que grasnou forte: *papagaio real, quem passa...*

O Julião olhou espavorido.

— Também tu papagaio me queres comprometter?!

Durante duas horas o Julião conservou-se fechado no quarto. Quando abriu a porta, a Pulcheria que, nervosa e impaciente rondava pelo corredor intrigada com a attitude do Julião, soltou um grito de pasmus e de susto.

— Ai Julião que tu endoideceste!

De couraça, capacete e viseira, duas espingardas a tiracolo, quatro pistolas á cinta, e uma lança na mão direita, o Julião appareceu como um guerreiro antigo em dia de combate.

— Olha, Pulcheria, pendura-me aqui atraz essa caixinha com balas.

— Ai Julião que tu endoideceste! — repetia a esposa, com os olhos muito abertos, encostada á parede sem arredar passo.

— Anda, não te demores. Pendura-me a caixinha...

— Mas onde vaes tu, homem?!

O Julião não respondeu, e agarrando na caixa pol-a a tira-collo.

— Na gaveta da minha secretaria está o testamento e uma carta com diversas indicações. Deixo tudo portanto prevenido...

— Tu vaes bater-te em duelo, Julião? — continuou interrogando afflicta a Pulcheria.

Julião encolheu os hombros desdenhosamente, e abanou a cabeça em signal negativo.

— Vaes então para alguma guerra?

— Peor, Pulcheria, peor...

— Para a Africa combater o gentio?

— Muito peor... Muito mais arriscado...

— Então para onde vaes Julião? Diz-me... Diz-me porque tremo de adivinhal-o... Irás tu ser...?

E a esposa com as faces horrorisadas, esperou a resposta, tremendo.

— Sim, Pulcheria para que encobril'o por mais tempo! Vou hoje ser jurado no julgamento dos conspiradores, na Bôa-Hora!

Um grito agudo echoou pela casa; e a Pulcheria, chorando convulsivamente abraçada ao marido, cahiu desmaiada.

CRISPIM.

S. MIGUEL

Archanjo, rei dos archanjos,
O poder do braço teu
Contra o poder dos maus anjos
Surgiu, batalhou, venceu;
Arde a soberba no inferno,
E tu és planta do Eterno
Cantas teus hymnos no céu.

Essas cohortes armadas
Contra a phalange infiel,
Por Deus por ti animadas,
Na pista do teu corcel,
Iam seguras da gloria
Quando bradavam — Victoria
Por Jehovah, por Miguel.

Abriu-se o abysmo, e no centro
Brame sedento vulcão,
Já os vencidos lá dentro
Mordem rubido carvão,
Já mil chammas serpejantes
Com mil linguas sibilantes
Seus membros lambendo vão.

Mas, archanjo, só quizeste
Os céos tranquillos deixar?
Porque o abysmo não fizeste
Eternamente fechar?
Os vencidos na tua guerra
Surgiram, andam na terra
E querem cá triumphar.

Eia, archanjo, empunha a lança
Desce á terra a combater,
Que nem só nos céus se alcança
Eterna gloria em vencer;
Na terra tambem ha thronos
Que sem celestes patronos,
Que sem ti podem morrer.

D'essa luz a immortal c'róa,
Que te dão perpetuas leis,
Cinge a fronte, e á terra vóa
Com teus cherubins fieis;
O throno de Deus outr'ora
Defendeste; archanjo, agora
Defende o throno dos reis.

Eia archanjo! vem guiar-nos,
Cavalga no teu corcel,
Vence os maus, e a paz vem dar-nos,
Que somos povo fiel;
Vem, que nós te seguiremos,
E victoria bradaremos
Por Jehová, por Miguel.

JOÃO DE LEMOS.



Mariano Gracias

DUAS VIRGENS

Alcova santa, quasi ás escuras,
Um leito branco mudo a sorrir,
Rendas e sedas são coberturas,
Niveos setins despertam ternuras,
Ai quem me dera sonhar... dormir!...

Numa peanha de lindo effeito
Nossa Senhora da Conceição,
Rosto tão candido e tão perfeito!
Tem as mãos juntas postas no peito.
Olhos no céu, em contemplação!...

Sobre uma esphera, de pé, e linda,
— Fada gentil de belleza astral! —
Ahi a védes orando ainda
A velha prece de unção infinda.
Aos pés calcando o dragão do Mal!...

Sob a candura da sua planta
Ha um crescente que bruxoleia!
Tem na cabeça a aureola de Santa,
E anjos aos pés, de belleza tanta,
Que lembram gomos da lua cheia!

Sobre a peanha — que é um altar! —
Jarras de flores em profusão:
Cravos, jasmims, rosas de tocar,
Throno de flores que vem lhe armar
O grande amor do meu coração!

E a minha amada de manhã cedo,
Colhendo rosas num horto em flor,
Sorrindo escuta, como em segredo,
Os rouxinoes, que, d'um arvoredro,
Lhe vão tecendo trovas de amor!

Pelo azulado, o sereno lago,
Onde se espelha seu meigo olhar,
Voam as pombas, e lá do vago
Espaço, as pombas — oh doce afago! —
São lenços brancos a lhe acenar!

Depois, de volta, toda frescura,
Cheio de flores traz o avental,
Corpo em botão cheirando á verdura,
Olhae: é linda! s'rá por ventura
A Rainha Santa de Portugal?!

Todas as flores da seductora
— Até conforta de ouvir dizêl-o! —
São para dar a Nossa Senhora,
Sua madrinha, que é protectora,
Por isso as priva do seu cabello.

Na sua graça, Senhor! Senhor!
Deixae-a amar num ceu de purezas,
Deixae-a orar pelo peccador.
Que eu bem preciso do seu amor,
Que eu bem preciso das suas rezas.

E a pobrezinha, aos pés da Senhora,
As mãos erguidas, joelhos no chão,
Por mim suspira, soluça e chora,
Julgando culpas, perdão implora,
E é só de lagrimas a oração!

Por entre as flores, qual no rosal
Um pirlampo a relampejar,
Arde uma lampada e tão mortal
Que faz lembrar um adeus — final
De alguém que parte p'ra não voltar!

E' noite velha. Como ella dorme
Assim tão candida e encantadora!
E pela alcova que paz enorme!
Sonha a sorrir... e, enquanto ella dorme,
A' cabeceira véla a Senhora!

Véla a Senhora... Como eu bemdigo
Esse desvêlo augusto de mãe!
Tende-a, Senhora, sob seu abrigo,
Livrae-n'a sempre de algum perigo,
Que o mal não diz a hora em que vem!

Sob esse manto azul da Rainha,
Sob esse olhar de mago fulgor!
Guardae, Senhora, a amada minha,
Que ella, coitada, vive sósinha,
E bem precisa do vosso amor.

E as duas Virgens divinizadas
Vivem juntinhas na mansão calma,
E soffrem ambas as sete espadas:
Uma no peito tem-nas cravadas,
A outra supporta-as no seio d'alma!...

(Do livro inédito *A Biblia do Amor*.)

MARIANO GRACIAS.

O brasileiro Rodrigo

A Julio Ribeiro da Silva

ERA bem amargurada a historia do brasileiro. Orphão de pae, morto de febre no Pará, onde fôra á busca de fortuna, Rodrigo passára, desde os 5 annos, geadas e fomes, descalço e semi-nú, até os braços lhe poderem cavar pão para elle e para a mãe, que lhe morrera aos 20 annos, depois de o ter isentado do serviço militar.

Encontrando-se só, vendeu a casita de colmo esburacado, e partiu, rustico e aventureiro, á cata de boa sorte.

Foram tragicos os primeiros tempos passados com febre n'um hospital do Pará!

Ainda mal convalescido, começou á busca de fortuna, atrelado a uma carréta com bebidas alcoolicas e refrigerantes, carregou volumes de péso brutal, moeu-se, deformou-se, quasi se lymphatisou em dias longos de jejuns laboriosos, exgotando a seiva rica do seu corpo moço em suor empoeirado, escaldante.

Mas Rodrigo não perdia a esperança.

Uma tarde tinha, no bolso, apenas umas moedas de cobre para o jantar, e comprou um livro, jantando cascas de fructos abandonados n'um banco de jardim.

Mas o caixeiro do armazem de refrigerantes em breve se aborrecera das lições prometidas.

Rodrigo ainda não desanimou.

Pediria instrucção nas ruas como os mendigos pedem esmola.

Lembrava-se, vagamente, de ter ouvido a historia de um mendigo enriquecido com obulos de 5 réis.

E, desde esse dia, procurou nos freguezes das bebidas, os seus professores de momento.

Depois de os servir com os melhores gestos da sua rude delicadeza, rogava, humildemente, estendendo nas mãos, o livro aberto para os olhos dos freguezes, como o mendigo ergue a escudela para a esmola suspensa das janellas ricas.

— Vossellencia faz obsequio, meu senhor, diz-me que letra é esta? — apontava com o dedo.

— E' um R...

E Rodrigo, alvoraçado, agradecido, via cahir-lhe da bocca sobre o livro o som da letra clara e rutilante como o tenir de uma libra nova na bandeja de um pobre.

— Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado!... E' um R — repetia baixo.

E a sua retina, humida e tensa, cahia sobre a letra, colava-se-lhe na ancia de obter uma copia.

Demorava-se, depois, longo tempo a olhá-la, fixava-lhe, anciado, a physionomia graphica, e quando a attenção lh'a absorvia inteira, fechava, com beatitude, os olhos, para a ver nitida e impressa dentro da cabeça.

Gosava até a illusão de ir vendo desmaiar a tinta da letra á medida que lhe ia passando á memoria.

Mas era preciso continuar.

Logo que servia um novo freguez, apontava-lhe a letra seguinte:

— Vossellencia faz obsequio, meu senhor, diz-me que letra é esta?

— E' um u...

E de novo polarisava as suas forças mentaes nas pupilas sempre humidas e reginosas, enquanto chegasse um terceiro freguez que ensinasse a syllaba.

— Vossellencia faz obsequio, meu senhor, diz-me como faz um R e um u?

— Ru...

E este Ru ficava-lhe a tamborilar no ouvido como o signal phonico de uma alvorada a nascer.

Depois outra letra, mais outra ainda, uma syllaba, mais outra syllaba, até lhe surgir inteira a palavra, que elle festejava remirando-a, carinhosamente, em todos os seus traços, para nunca mais lhe esquecer, como se ella fôra a imagem viva de uma irmã longo tempo desconhecida.

A' noite, contava pelos dedos, meticulosamente, as moedas e as palavras apuradas.

Quando um dia, pela primeira vez, após um esforço doloroso, conseguiu ler sósinho o nome de uma bebida, impresso n'um rotulo, tomou-o uma tal alegria que guardou a garrafa como uma reliquia de coragem...

Rodrigo tornara-se assim, para a cidade, particularmente para a gente illustrada, um typo curioso de faminto intellectual.

A sua figura espessa e crestada de beirão inculto attrahia todos, homens serios e motejadores, curiosos de o ver.

A venda e os lucros augmentavam espantosamente, tornando-se preciso montar uma barraca enorme para o movimento da freguezia.

Rodrigo estava maravilhado! Como ouvia incessantemente apregoar as vantagens da instrucção, acreditava que os progressos dos lucros estavam na razão directa da sua aprendizagem, e estudava cada dia mais, agora com um professor a quem pagava lições nocturnas.

As moedas e as letras augmentavam prodigiosamente, e no fim do segundo anno de trabalho era já socio da casa, enriquecendo a grande velocidade.

Aos 30 annos casou com uma filha de um grande capitalista, ficando-lhe uma filha de poucos annos e a fortuna centuplicada.

E sempre trabalhando, sempre accumulando, chegára aos 55 annos cansado de negocios.

Agora, rico e illustrado por mil leituras, o seu espirito de plebeu endinheirado principiou a sentir necessidade de honrarias.

No Pará todos lhe sabiam dos começos... Sobretudo esses *professores* que, a sorrir, lhe haviam ensinado o alfabeto eras para elle um tormento!

Não os odiava, mas daria muitos contos para os saber felizes em outro continente...

Theatros

THEATRO DA TRINDADE — «Eva»



3.º acto

A despedida — Palmira e Leitão

(Phot. de A. C. Lima)

Ainda se os perdesse da memoria!...

Mas não; via-os incessantemente passar, titulares, burguezes, caixeiros e vagabundos, todos os que, a rir, lhe haviam dado a esmola de uma letra.

Era tão difficil apagar da memoria os seus traços physicos como desaprender as letras por elles ensinadas.

Entre as letras e as suas linhas physionomicas, havia uma tal relação de fórma e ideia, que chegava a ver os rostos desenhados nas letras e as letras esculpidas nos rostos.

Rodrigo em tudo descobria analogias de fórma, n'uma obsessão dolorosa e delirante.

Este, quando passava, de braço arqueado sobre a bengala, tinha a figura do *h* que lhe ensinara...

Aquelle as saliencias gordas do *B*...

Era toda uma galeria mental, escarninha, onde surgiam, em fila, homens rigidos e esticados como o *I*, de feito rotundo como o *O*, de apparencia macrocephala como o *P*...

Até, ás vezes, em horas de mau humor, nas letras juntas de

LIVROS

Ossos do officio

TEMOS deante de nós cerca de 300 paginas bem despreziosas, bem singellas, bem interessantes. E' a vida de um artista do theatro, atravez de todas as aventuras, de todas as peripecias, das mais hilariantes anedoctas, dos casos mais picarescos.

São dialogos travados *à la diable*, e narrativas sem pruridos litterarios, em que se passa a vida dos bastidores, incidentes de viagens, acontecimentos mais ou menos comicos, e um ou outro, aqui e ali, cortado de um fio dramatico.

Antonio Pinheiro que tem honrado e ennobrecido a arte de theatro, revela-se-nos agora na arte de escriptor, e bastam os *Ossos do officio* para confirmar os seus dotes intellectuaes, que á larga se exhibem n'esta nova manifestação do seu espirito.



THEATRO DA TRINDADE — «Eva» — 2.º acto — *Eva no throno*

(Phot. de A. C. Lima)

uma palavra, parecia-lhe ver agrupadas as figuras zombeteiras dos que lhas tinham ensinado.

A cada letra prendia Rodrigo uma figura, e nas paginas de um livro, pelas linhas fóra, como n'um caminho de humilhação, via as mesmas letras, os mesmos individuos, aqui dispersos, além agrupados, em fileiras de troça, em columnas cerradas de hilariedade, por mil folhas, por todos os logares, desde o jornal publico á carta mais intima, e todas estas letras infernalmente multiplicadas se perfilavam, zombeteiras, á passagem dos seus olhos sobre ellas, para lhe gritarem, n'uma saudação de troça, o seu conhecido nome de guerra:

— Adeus, ó *Fome-letras!*...

Foi, por este tempo, que Rodrigo começou a fallar, com saude, do seu regresso a Portugal...

(De um livro em preparação.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Queres-me trocar esta prata? Não encontro quem a troque.

— Mas se ella é falsa...

— Pudera! se fosse boa, qualquer m'a teria trocado.

VARIEDADES

Curiosidade arithmetica

Tomar um numero menor que 10, dobrar e acrescentar 4; multiplicar esta somma por 5; ao producto ajuntar 12 e multiplicar por 10; ao total assim obtido diminuir 320. Se ao numero que assim resulta se tirarem os dois ultimos algarismos reaparece sempre o numero primeiro.

Receita para engordar

Andar pouco, descansar muito, beber vinhos generosos e cerveja, comer feculosos em abundancia, fazer refeições a horas certas, digerir bem e dormir muito, eis o melhor regimen para engordar, a suprema aspiração dos que não passam de miseros *bacalhaus de porta de venda*.

Maneira facil de purificar a agua

A esterilisação da agua potavel pelo calor é o meio mais seguro e recommendavel, mas ha occasiões em que é difficil senão impossivel, como por exemplo, em marchas; pôde-se então recor-

rer ao acido citrico que é um bom purificador da agua de beber. Em varias experiencias que se teem feito, viu-se que a agua,

bastou para a destruição dos microbios cholericos. Esta maneira de purificar a agua de beber é facilima e além d'isso não ha incon-

PARAIZO DE LISBOA



A revista «Cale-se!...»

que contém animalculos em abundancia, se purifica facilmente addicionando-lhe umas gottas de dissolução de acido citrico. To-

veniente algum em bebel-a, pois que é aquella uma substancia innocente, que não é outra coisa senão o acido crystallizado dos

PHANTASTICO



Final da revista «Chucha Zé»

(Phot. de A. C. Lima)

dos os pequenos seres que a agua contém morrem e precipitam-se no fundo do liquido. Uma percentagem de 6 % de acido citrico,

limões; se se juntar ao liquido um pouco de assucar; torna-se até uma bebida agradável.